O CONTROLE SOCIAL PELO CURRICULO OCULTO NA ESCOLA

Ana Carolina Teixeira dos Santos
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" - Câmpus de Marília

Resumo: É sabido por todos que a escola, por seu funcionamento e natureza, caracteriza-se como meio propagador de ideais e conhecimento, sendo tida, inclusive, por teorias e teóricos sociais como aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1969). Por diferentes formas ela contribui para a manutenção da ordem vigente em seu contexto, dentre os quais temos o currículo, em suas diversas formas, dizendo-nos muito sobre a mesma, desde sua organização e nível de integração e de seus conteúdos com seu contexto, pressupondo-nos as praticas do seu currículo oculto, as mensagens subliminares das entrelinhas do currículo formal, dizendo-nos sobre a visão socializadora e política da escola. O objeto de estudo seriam as principais referências bibliográficas a cerca do currículo oculto na escola como uma das formas de controle social exercida implicitamente na sociedade. Dentre os instrumentos desta pesquisa que se caracteriza como bibliográfica e documental estão a análise do conteúdo de livros tidos como mister para as discussões pautadas e periódicos de autores amplamente citados sobre o tema como Macedo, 2006 e Cação, 2012 para o embasamento desta investigação sobre tema tão relevante não apenas para o campo cientifico da educação, mas para todas as outras áreas do conhecimento interligadas com o contexto social.

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." FREIRE, 1996

A escola, sendo instituição formadora de indivíduos para uma sociedade caracteriza-se como importante instrumento para a construção do seu meio social. Contudo, ao mesmo tempo em que ela forma o meio, ela também é formada pelo mesmo, carregando consigo as características do seu contexto social e fazendo parte de um ciclo que contribui para a manutenção do mesmo. Há dois atributos principais que fazem da escola um aparelho ideológico do Estado, o primeiro que a escola abrange grande quantidade de indivíduos, tornando-se propagadora em massa de conceitos, e também por ser local em que o indivíduo passa vários anos de sua vida, sendo tida como instituição, na maioria de contexto, formadora de conceitos tanto conteudísticos quanto morais.

Há uma grande variedade de autores e pensadores que defendem a ideia da concepção da escola como Aparelho Ideológico do Estado. Dentre vários é considerado de grande relevância Louis Althusser, sendo colocado ainda como um "pioneiro" por alguns autores. Sendo importante filósofo francês Althusser não escreveu sobre educação, mas sua teoria enuncia que o Estado dependia da reprodução de suas práticas para a conservação de sua ideologia vem de encontro com as práticas escolares da maioria dos contextos sociais, em

especial os neoliberalistas, sendo inclusive muito citado em trabalhos acadêmicos que dizem respeito ao currículo escolar.

Ainda nos permeios da teoria de Althusser, a escola por sua natureza deveria ser um espaço importante de luta para a emancipação e autonomia do individuo, como também colocou Jahen, 2012. A escola, sendo importante precursora de, além de conteúdos, informações e conceitos deveria ao invés de trabalhar em prol da permanência da ideologia do Estado teria de semear da libertação dos homens, onde os mesmos teriam acesso universal e igualitário a todo e qualquer tipo de ciência, valorizando o seu contexto e a sua cultura.

Contudo há várias limitações, barreiras de diversas naturezas, políticas, econômicas, sociais e, inclusive, pedagógicas, que acabam por influenciar e contribuir para que este quadro ocorra. Em nossas discussões enfocaremos "o pedagógico", nos referindo, mas especificamente, sobre o currículo escolar, na sua forma de currículo oculto.

É mais do que claro para todos que, se o pedagógico contribui para a preservação da ideologia do contexto neoliberalista é porque ele foi influenciado primeiramente pelas outras vertentes sociais que acabam por usar da escola para manterem uma determinada ordem social, vigente. E para que isso ocorra é utilizado de diferentes ferramentas como uma gestão autoritária, processos burocráticos lentos, tendências tradicionalistas para os processos de ensino e de aprendizagem entre outras práticas muito utilizadas.

Com relação ao currículo, é perceptível por todos que, na grande maioria das escolas e, em todas as escolas públicas do cenário brasileiro o mesmo segue a tendência tradicionalista, idealizada por Herbart e Pestalozzi, que seguia os moldes da industrialização e produção em massa. Ela acabou por seguir moldes norte-americanos, como diz Jaehn, 2012 que faziam analogia aos modelos industriais da época e a teorias como a Taylorista, na tentativa da consolidação do modelo econômico capitalista. É ainda nesse contexto, como relata Hornburg, 2007 de exaltação da "eficiência" em que o currículo buscava conferir as habilidades do aluno, em uma perspectiva empírica, para assim elaborar formas de mediação do processo de ensino com relação ao aluno.

Em suma, pode-se dizer do currículo tradicional que o mesmo tem na sua principal intencionalidade os resultados, a eficiência e a melhor forma de se obter isso, sem, por muitas vezes, levar em conta o processo do ensino e da aprendizagem do aluno e suas particularidades, como o contexto social do aluno, suas dificuldades e suas necessidades. O

currículo é basicamente centrado e construído em prol de uma sociedade “eficiente”, que produza, cresça e prospere, para assim, manter o status do meio social e seu constante progresso.

Algo mister que devemos nos atentar é que, para a construção de uma sociedade que cresça, tendo como um dos seus objetivos principais o acumulo de riquezas e de capital é de sua característica que uns trabalhem para a produção dessas riquezas e que outros apenas dirijam esses processos, originando um abismo social no contexto onde se tem diferentes tipos de trabalho com diferentes distribuições de renda, onde o acumulo de capital fica retido nas mãos de poucos, os que “dirigem” a sociedade, também detentores da hegemonia no contexto social, enquanto temos as classes inferiores que são as produtoras das riquezas em uma sociedade, ficam a margem de todos os benefícios gerados pelo trabalho produzido por suas mãos, vivendo em situações precárias, algumas vezes de miséria, em uma sociedade injusta, que privilegia poucos e deixa de lado os verdadeiros produtores das riquezas do Estado.

Mas ainda falando de “privilégios”, se a escola é uma reprodutora de seu contexto como defendia Althusser, e, enquanto este contexto girar em favor do acumulo de capital e das desigualdades sociais, haverá desigualdades em diversos ambitos da sociedade, inclusive, na escola.

A escola, por sua natureza tem grande potencial formador. Logo, se estamos tratando de um contexto de desigualdades, a escola por sua vez acabará por, conscientemente ou não contribuindo para isso. Ainda trata disso Hornburg, 2007, quando se refere na diferenciação do currículo entre escolas públicas e privadas, que se mostra clara e abertamente totalmente distintos para crianças de mesma faixa etária, contudo de classes sociais diferentes. Ambos os currículos se caracterizam por serem tradicionalistas, no que se tratam na busca da eficiência e resultados, contudo, é obvio que em uma sociedade desigual teremos diferentes resultados colocados para os nossos educandos que acabam por serem classificados pelo sistema de acordo com a sua classe social, fazendo com que, dessa forma, o contexto desigual seja mantido, desde a educação do homem na sociedade.

> *“É possível perceber a prática no processo escolar atual fazendo relação, principalmente, entre as escolas particulares e as públicas, e também dentro delas, sobretudo nas públicas, onde as relações internas favorecem alunos mais favorecidos economicamente. Assim, as escolas reproduzem os aspectos necessários para a sociedade capitalista: trabalhadores adequados a cada necessidade dos locais de trabalho,*

líderes para cargos de chefia e líderes obedientes e subordinados para os cargos de produção."
HORNBURG, 2007

Para os educandos das classes inferiores, frequentadores da escola pública o curriculo caracteriza-se como tradicionalista, com conteúdos isolados à realidade do educando, distante, por muitas vezes, do seu próprio entendimento. Esse impasse colocado pelo currículo para o educando causa efeitos algumas vezes irreversíveis para o mesmo, pois uma vez que o educando não entende a sua relação com os conteúdos "passados" para o mesmo dentro do contexto escolar só faz por aumentar toda a sua alienação dentro da própria escola com relação ao seu próprio contexto. Isso apenas faz por atrasar, bloquear, possíveis formas de autonomia e libertação do aluno por meio da educação para a sua emancipação dentro do seu meio social.

Perpassando muito brevemente por Freire 1997, o mesmo já dizia que a educação é ideológica e que, a mesma, de um jeito ou de outro, vai acabar por manter a ideologia do Estado. Ainda Freire trata do poder da ideologia de nos tornar "miopes" para a realidade social e a ainda de nos "amaciar" a respeito da globalização, aceitando tudo o que nos é imposto de forma naturalizada, em especial a situação econômica do país, criando assim um ambiente de "ideologia fatalista" em volta do indivíduo. E é exatamente por esses conceitos e intencionalidades que são formadas o currículo oculto, colocado nas escolas públicas e grande parte das escolas particulares.

Com relação às escolas particulares, encontra-se um currículo quase que claro e evidente, tendo em vista a sua natureza e seu contexto: o currículo tecnicista. Assim como o currículo tradicional, o tecnicista também busca resultados de forma eficiente, contudo o que vemos é uma eficiência maior do que o do currículo tradicional, com conteúdos diferenciados que colocam o aluno das classes mais favorecidas em vantagem ao aluno das classes inferiores, que não tem o mesmo acesso que o educando da elite a esses conteúdos. Nas escolas "pagas" do país (apenas lembrando que toda escola é paga no país, inclusive a pública com os nossos impostos) os educandos da elite são muito bem preparados, com os melhores professores, materiais atualizados, com os melhores conteúdos, sendo esses alunos preparados, inclusive em alguns casos, para estudarem em instituições no exterior, tendo acesso a todo o tipo de informação e, mais importante, a todo tipo de esclarecimento, a cerca de tudo o que diz respeito ao seu contexto social, inclusive, à "ideologia fatalista" colocada

por Freire. Essas são reflexões de suma importância correlacionadas ao currículo escolar que acaba por influenciar positivamente, no sentido de ser decisivo para a manutenção do controle social em uma coletividade.

"A educação brasileira foi construída a partir de duas tendências curriculares principais: o escolanovismo ou progressivismo e o Tecnicismo. Ambas produziram efeitos a partir da relação entre conhecimento e poder vinculados a interesses de controle social, implícito na primeira tendência e explícito na segunda."

MOREIRA, 2010 et. al. JAHEN, 2012

Ainda é interessante colocar um breve paralelo que o controle social também exerce sobre o "direito a educação". Dentro dessa ideia a educação é de direito publico de todo cidadão. Porem em uma sociedade de classes, dentro da perspectiva de que se faz um controle social pela educação, a mesma não é universal, pois o acesso não é o mesmo para todos os educandos. Não basta todos terem direito a matricula nas escolas, pois enquanto a educação não for igual, não for a mesma, em termos de condições e de conteúdos e oportunidades acessíveis a todos de fato, não teremos uma educação "para todos". Enquanto houver maneiras diferenciadas (não diferentes!) de se fazer educação em um meio com o intuito de beneficiar a uma pequena elite dominante com relação a grande maioria da totalidade o direito à educação não poderá ser exercido de fato por todos, mas que sim, apenas contribuirá para o controle social do contexto, exercido de diversas formas dentro do ambiente escolar.

O controle social pode ser considerado e perceptível em diferentes variáveis no contexto escolar. As nossas discussões se enfocarão no currículo, mais precisamente no currículo oculto. Existem diferentes manifestações do currículo e, em cada uma delas, o currículo ganhará uma denominação diferente.

Das manifestações do curriculo até agora discutidas aqui temos apenas o do currículo formal, colocado assim por Cação (2012) como aquele concebido por algum órgão normativo.

Algo ainda mais alarmante e preocupador que contribui para a manutenção do controle social é que todas essas reflexões colocadas até agora se encontram tanto currículo real quanto no formal. Preocupante quadro, uma vez, que, se está também no formal, está "legalizado", ou seja, o próprio Estado acaba por legitimar o controle social pela escola através do currículo. E como afirmar isso? Pelos documentos oficiais que descrevem o currículo, onde se percebe que

há certa liberdade para desenvolver conteúdos pré-estabelecidos, que tem que ser cumpridos para que seja validado o estudo dentro das instituições de ensino básico públicas.

Logo, são nessas pequenas brechas do currículo e na própria concepção do mesmo é que, através da escola é exercido o controle social da coletividade. Essas que denominamos brechas, mas podem ser chamadas também de "entrelinhas do currículo" é o que consiste o denominado currículo oculto. Essa forma de manifestação do curriculo escolar recebe sempre o mesmo nome com diversas explicações. Oliveira, 2008 inclusive chama o curriculo oculto de real, visto que o oculto é aquele que implicitamente está na sala de aula, é aquele que não está no papel mas é facilmente perceptível entre os muros da escola.

> *"O currículo oculto era aquele transmitido implicitamente, mas não mencionado pela escola e que se fazia de tal forma poderoso, pois podia propiciar controles sociais, lutas ideológicas e políticas, provocadoras de mudanças sociais."*
>
> *OLIVEIRA, 2008*

Outra visão interessante seria a de Jahen, 2012 que se refere ao curriculo oculto como forma de manifestação da socialização. Em uma visão mais ampla a respeito do curriculo oculto, tanto Hornburg 2007, Moreira et. al. 2007 e Cação, 2012 vem nos falar que o curriculo oculto envolve muito mais do que conteúdos dados e não colocados no documento "oficial" do curriculo, mas que o mesmo abarca também as experiências do aluno extraescolares, além de valores apreendidos em seu meio social, envolvendo desde rituais, regras até conceitos hierárquicos transmitidos e refletidos por todos a sua volta.

> *"São exemplos de currículo oculto: a forma como a escola incentiva a criança a chamar a professora (tia, Fulana, Professora etc); a maneira como arrumamos as carteiras na sala de aula (em círculo ou alinhadas); as visões de famílias que ainda se encontram em certos livros didáticos (restritas ou não à família tradicional de classe média)."*
>
> *MOREIRA et. al., 2007*

E é dentro dessa perspectiva que se tem a noção de como a escola contribui para o controle social dentro de um contexto. Ora a mesma acaba não apenas por "fixar" conteúdos propostos em currículos formais ou ideais, mas também praticas implícitas em um curriculo

oculto que acaba por compor um currículo real que é executado no cotidiano das nossas unidades escolares.

Percebe-se que regras estão presentes nos currículos oculto de todas as classes sociais, alias, todos devem seguir regras dentro de um contexto. O que diferenciará será justamente a forma como as regras são colocadas. É perceptível que o currículo oculto da escola das classes inferiores caracteriza-se em um currículo extremamente opressor, onde não são consideradas as particularidades dos seus alunos e seus contextos, em uma relação vertical e alienada por parte daqueles nos quais serão depositadas as informações do curriculo: os educandos.

Contudo, já nas escolas elitizadas o curriculo é pensado primeiramente com o intuito de já colocar aqueles alunos das classes ricas a frente de todos os outros, com um conteúdo relativamente flexível, discutível (inclusive com os pais dos alunos e comunidade escolar), sempre buscando o mais importante: deixar o aluno a par de tudo o que contem em seu curriculo escolar nas suas diferentes formas. Já neste ato de colocar o aluno a par de tudo a sua volta consiste em pontos a favor dele, inclusive com relação ao curriculo oculto. Sabendo do seu contexto (não apenas do seu, mas também dos menos favorecidos), o educando da elite não será alienado e não estará "a deriva" dentro da sociedade, estando "a par" de todos os porquês (sociais, políticos, econômicos e culturais) que o cerca. Estando "a par" de tudo, o aluno terá total entendimento da ordem vigente do contexto, e tendo a percepeção que por ser da classe "detentora do acumulo de capital" que ele também é detentor de acumulo de conhecimento com relação a outros educandos de sua sociedade, e por fim, acaba por naturalizar toda a situação, contribuindo para a manutenção da "ideologia fatalista".

Com relação ao curriculo oculto do educando elitizado, será totalmente diferente do educando das classes pobres. Poderia ser citado aqui diferentes situações na escola mas colocaremos duas mais comuns: as formas de se falarem na escola e o uso do uniforme. Enquanto em uma escola de periferia ensina-se boas maneiras, nas escolas particulares elas apenas são "lembradas" pela escola. Não que as classes mais pobres não ensinem isso aos seus filhos ou que eles não saibam por causa da sua total alienação! É importante ressaltar que eles sabem sim que tem e como tem que se portarem em um ambiente como o da escola, contudo isso é fixado e recordado o tempo todo com o intuito de mostrar, na maioria das vezes, as relações verticais da sociedade, lembrando sempre o respeito e "obediência" que o aluno deve ter para com aqueles que estão acima dele, ou que são tidas como algum tipo de

“autoridade” naquele meio. Por exemplo: ao chamar a diretora da escola de “Dona” ele não está apenas exercitando os seus bons modos, mas é uma forma de respeito a uma figura considerada acima dele dentro da hierarquia da escola tradicional.

Ainda foi colocado como exemplo o uso do uniforme. É interessante e de suma importância a discussão do mesmo dentro do currículo oculto na escola. O uniforme pode ter diferentes finalidades em um contexto escolar. Em um contexto de escola particular o uniforme será colocado em discussão com a intencionalidade de que todos são iguais em uma unidade escolar e para que os alunos sejam identificados por meio dele. O mesmo discurso será usado na unidade pública de ensino. Doravante, o educando da escola particular usará o uniforme com a finalidade de apenas preservar as suas roupas e acatará isso apenas como uma regra da escola. Ainda esse aluno da elite poderá ter o seu uniforme como forma de “identificação” daquela escola, onde o mesmo será visto e tido pela sociedade como aluno da escola X, logo ele deve ser Y. Ou seja, o uniforme acaba por compor, também, a identidade social do aluno, e por vezes, pode contribuir para algum tipo de “rotulação” do educando. Isso também não deixa de ser uma forma de controle social dentro de uma sociedade que cultiva uma ideologia fatalista, uma vez que a escola acaba por identificar a qual classe social o aluno está inserido no contexto.

Ainda nas discussões do uniforme, nas classes sociais mais pobres o mesmo tem o uniforme como uma vestimenta fundamental para o seu dia-a-dia e ele tem um caráter extremamente tradicionalista quanto ao seu uso. É tido como regra pelos alunos, uma regra vertical, imposta de cima para baixo, da escola para os alunos. E o uniforme como elemento identificador dos alunos acaba por destacar os mesmos na sociedade de onde são e quais as suas origens, podendo gerar, inclusive, pré-conceitos em cima dos mesmos em uma sociedade onde o indivíduo já é rotulado pelos seus semelhantes desde a época da escola.

O uniforme é apenas uma das discussões que permeiam as estratégias do curriculo oculto onde cada escola traça o seu, de acordo com a sua clientela, o seu alunado, e a comunidade escolar, onde a mesma está inserida e suas características socioeconômicas. Enfim, o curriculo oculto acabará por ser planejado de maneira de que a sociedade não passe por mudanças, de forma com que ela não seja afetada e que a mesma seja conservada da maneira tal qual como ela é.

Todavia, a grande perda nisso tudo não são apenas os esforços para a conservação da ordem vigente, mas principalmente que, a ordem vigente é uma ordem social desigual para

com ricos e pobres, onde os detentores do capital são a classe hegemônica do meio social, onde há um abismo, tanto econômico, quanto cultural e social entre as classes sociais, provocado por diversos lados, inclusive, infelizmente, pela escola. Enquanto a escola for tratada e usada como Aparelho Ideológico do Estado nos diversos contextos ela perderá a sua particularidade de instrumento de luta por uma sociedade para todos e de propagadora de conhecimento para todos os educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAÇÃO, M. I. O CURRÍCULO E SUAS CONCEPÇÕES: teoria e prática. Universidade Estadual Paulista. Campus de Marília. 2012.

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HORNBURG, Nice; SILVA, Rubia da. TEORIAS SOBRE O CURRICULO: uma análise para compreensão e mudança. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, v. 3, n. 10, p. 61-66, 2007.

JAHEN, L. O PENSAMENTO CURRICULAR E A RELAÇÃO ENTRE PODER E CONHECIMENTO: controle e regulção social. Revista Espaço do Curriculo, v.4, n.2, pp.114-124, Setembro de 2011 a Março de 2012.

JESUS, A. R. Currículo e educação: conceito e questões no contexto educacional. In: Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – PUCPR. 2008.

MACEDO, E. CURRÍCULO: Política, Cultura e Poder1. Currículo sem fronteiras, v. 6, n. 2, p. 98-113, 2006.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Currículo, conhecimento e cultura. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Indagações sobre o currículo. Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. Currículo: um instrumento educacional, social e cultural. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 8, n. 24, p. 535-548, Maio-Agosto de 2008.